

Bridget
O diário de
Jones
Helen
Fielding

TRADUÇÃO
Beatriz Horta

B I
B I
B I
B I

Copyright © 1996 by Helen Fielding

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Bridget Jones's Diary

Capa

Tamires Cordeiro

Projeto gráfico

Rita da Costa Aguiar

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fielding, Helen

O diário de Bridget Jones / Helen Fielding ; tradução
Beatriz Horta. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2016.

Título original : Bridget Jones's Diary

ISBN 978-85-8439-038-0

1. Jones, Bridget (Personagem fictício) — Ficção 2.
Romance inglês I. Título.

16-04903

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura inglesa 823

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoaleitor@editoraparela.com.br

Sumário

RESOLUÇÕES DE ANO-NOVO, 9

JANEIRO: Um péssimo começo, 13

FEVEREIRO: O massacre do Dia dos Namorados, 39

MARÇO: Pânico total pré-aniversário, 63

ABRIL: Equilíbrio interior, 85

MAIO: Futura mamãe, 109

JUNHO: Oba! Um namorado, 131

JULHO: Argh, 151

AGOSTO: Desintegração, 167

SETEMBRO: No poste dos Bombeiros, 191

OUTUBRO: Encontro com Darcy, 209

NOVEMBRO: Uma criminosa na família, 231

DEZEMBRO: Ai, Deus, 261

JANEIRO-DEZEMBRO: Resumo, 285

Resoluções de Ano-Novo

NÃO VOU

- Tomar mais de catorze unidades alcoólicas por semana.
- Fumar.
- Desperdiçar dinheiro com: máquinas de fazer macarrão, sorvete ou qualquer outro eletrodoméstico do tipo; livros de autores que nunca conseguirei ler e que só servem para impressionar na estante; lingerie exótica, inútil já que não tenho namorado.
- Ficar andando seminua pela casa; vou sempre imaginar que pode ter alguém olhando.
- Gastar mais do que ganho.
- Perder o controle da papelada.
- Me interessar por qualquer um desses tipos: alcoólatras; workaholics; homens com medo de compromisso; casados ou comprometidos; misóginos; megalomaniacos; chauvinistas; babacas emocionais; interesseiros ou tarados.
- Ficar irritada com minha mãe, Una Alconbury ou Perpetua.
- Ficar mal por causa de homem; vou ser equilibrada e fria como gelo.
- Ficar louca por um cara; vou ter relações com base numa avaliação madura de caráter.
- Falar mal de ninguém pelas costas; vou ter uma postura positiva em relação a todo mundo.
- Ficar obcecada por Daniel Cleaver, já que é patético ter uma queda pelo chefe, tipo a Miss Money Penny nos filmes do 007.
- Ficar deprimida por não ter namorado; vou desenvolver equilíbrio interior, autoconfiança e a certeza de que sou uma mulher com conteúdo e completa, mesmo *sem* namorado, já que essa é a melhor forma de conseguir um.

EU VOU

- Parar de fumar.
- Tomar, no máximo, catorze unidades alcoólicas por semana.
- Perder sete centímetros de coxa (ou seja, três e meio de cada lado) e fazer uma dieta anticelulite.
- Tirar tudo o que é inútil do apartamento.
- Doar todas as roupas que não uso há mais de dois anos.
- Investir na profissão e encontrar um emprego novo em que possa me desenvolver.
- Abrir uma poupança e economizar. Talvez até fazer uma previdência privada.
- Ser mais segura.
- Ser mais firme.
- Aproveitar melhor o tempo.
- Deixar de sair toda noite, e sim ficar em casa lendo e ouvindo música clássica.
- Destinar parte do salário à caridade.
- Ser mais gentil e ajudar mais os outros.
- Comer mais legumes.
- Levantar da cama assim que acordar.
- Fazer academia três vezes por semana e parar de ir lá só para comprar sanduíches.
- Organizar minhas fotos em álbuns.
- Preparar fitas temáticas para ter sempre à mão as melhores músicas românticas/dançantes/animadas/feministas etc., em vez de me transformar em uma DJ bêbada com todas as fitas espalhadas pelo chão.
- Ter um relacionamento sólido com um adulto responsável.
- Aprender a programar o videocassete.

JANEIRO

Um péssimo começo

DOMINGO, 1º DE JANEIRO

58,5 kg (mas pós-Natal), 14 unidades alcoólicas (na verdade, divididas em dois dias, já que as primeiras quatro horas da festa foram antes da meia-noite), 22 cigarros, 5424 calorias.

Comida ingerida hoje:

- 2 pacotes de queijo fatiado
- 14 batatinhas em conserva
- 2 bloody mary (conta como comida, já que contém molho inglês e tomate)
- ⅓ de ciabatta com queijo brie
- ½ pacote de coentro desidratado
- 12 bombons (é melhor acabar logo com tudo o que é doce e começar amanhã a dieta)
- 13 espetinhos de queijo com abacaxi
- 1 prato do peru ao curry com ervilha e banana de Una Alconbury
- 1 fatia da torta surpresa de Una Alconbury, feita com massa de biscoito, framboesa em conserva, 30 litros de chantili e decorada com frutas cristalizadas

Meio-dia. Londres. Meu apartamento Argh. A última coisa que me sinto física, emocional e mentalmente capaz de fazer agora é pegar o carro e ir até Grafton Underwood, onde fica a casa de Una e Geoffrey Alconbury, que sempre fazem peru ao curry no primeiro dia do ano. Geoffrey e Una Alconbury são os melhores amigos dos meus pais e, como tio Geoffrey não se cansa de lembrar, me conhecem desde que eu vivia correndo pelada pelo jardim. Minha mãe ligou às oito e meia num feriado de agosto do ano passado e me obrigou a jurar que iria. É claro que ela não foi direto ao ponto.

“Oi, querida. Estou ligando só para saber o que você quer ganhar de Natal.”

“Natal?”

“Prefere que seja surpresa?”

“Não!”, berrei. “Desculpe. Quer dizer...”

“Achei que você ia gostar de um jogo de rodinhas para sua mala de viagem.”

“Mas eu não tenho mala.”

“Então posso dar uma que já venha com rodinhas. Como as que as aeromoças usam.”

“Já tenho uma bolsa de viagem.”

“Ah, querida, você não pode ficar usando aquela coisa horrível de lona verde. Fica parecendo uma Mary Poppins pobretona. Precisa de uma mala compacta, com alça retrátil. Você não imagina quanta coisa cabe nelas. Prefere azul-marinho com vermelho ou vermelho com azul-marinho?”

“Mãe. São oito e meia. É verão. Está o maior calor. Não quero uma mala de aeromoça.”

“Julie Enderby tem uma. E disse que é muito útil.”

“Quem é Julie Enderby?”

“Você conhece Julie, querida! A filha de Mavis Enderby. Julie! Aquela que tem um emprego incrível na Arthur Andersen...”

“Mãe...”

“Ela sempre viaja com essa mala.”

“Não quero uma mala pequena com rodas.”

“Tive uma ideia. Jamie, papai e eu podemos nos juntar e dar para você uma mala *grande* com rodas. O que acha?”

Exausta, afastei o fone do ouvido, me perguntando por que todo aquele empenho missionário em me dar uma mala de presente de Natal. Quando voltei o fone ao ouvido, minha mãe estava dizendo: “Parece que tem uma que já vem com um compartimento para colocar o xampu e o sabonete. A outra coisa que pensei em dar para você foi um carrinho de compras”.

“Tem alguma coisa que *você* queira ganhar de Natal?”, perguntei, ofuscada pela forte claridade do dia.

“Não, não”, ela respondeu, sem prestar atenção. “Tenho

tudo de que preciso. Querida”, ela sibilou de repente, “este ano você vai ao jantar na casa de Geoffrey e Una no primeiro dia do ano, não vai?”

“Ah, bom, eu...” Entrei em pânico. Que compromisso eu podia inventar? “Acho que vou ter que trabalhar no Ano-Novo.”

“Não tem problema. Você pode ir de carro depois do trabalho. Ah, já te contei? Malcolm e Elaine Darcy vão, e Mark também. Lembra do Mark, querida? Ele agora é um dos melhores advogados de Londres. Muito dinheiro. Divorciado. Vai começar lá pelas oito.”

Ai, meu Deus. Tomara que o tal Mark não seja mais um fã de ópera com roupas estranhas e cabelo repartido de lado. “Mãe, eu já disse. Não preciso que me arranjem...”

“Por favor, querida. Una e Geoffrey fazem jantares de Ano-Novo desde a época em que você vivia correndo pelada pelo jardim! Claro que você vai. E assim vai poder usar sua mala nova.”

23h45 Argh. O primeiro dia do Ano-Novo foi um horror. Não posso acreditar que estou começando mais um ano numa cama de solteiro na casa dos meus pais. É humilhante demais na minha idade. Será que eles vão descobrir se eu fumar na janela? Fiquei o dia inteiro enfiada em casa, esperando a ressaca passar, mas acabei desistindo e cheguei bem tarde no jantar. Quando apertei a campainha da casa dos Alconbury — que tocou estilo carrilhão-de-relógio-da-prefeitura —, ainda estava me sentindo péssima: enjoo, dor de cabeça, boca amarga. E estava extremamente irritada, depois de entrar sem querer na rodovia M6 e precisar ir quase até Birmingham para fazer o retorno. Fiquei tão nervosa que enfiei o pé no acelerador para descontar minha raiva, o que é um perigo. Esperei, resignada, enquanto o vulto de Una Alconbury — estranhamente deformado através do vidro ondulado da porta — se aproximava num conjuntinho fúcsia.

“Bridget! Já estávamos achando que você não vinha! Feliz Ano-Novo! Íamos começar sem você.”

Ela conseguiu me dar um beijo, tirar meu casaco, pendurá-lo no cabide, limpar o batom que ficou no meu rosto e fazer com que me sentisse culpada ao mesmo tempo, enquanto eu procurava apoio numa estante.

“Desculpe, eu me perdi.”

“Meu Deus! Você não tem jeito. Entre!”

Fui atrás dela, passando pela porta de vidro fosco que dava na sala de estar, e Una informou bem alto: “Gente, ela se perdeu!”

“Bridget! Feliz Ano-Novo!”, disse Geoffrey Alconbury, que usava um suéter amarelo com estampa de losangos. Ele deu um passo longo, como um palhaço, depois me abraçou como se fosse me esmagar. Quem não soubesse que era apenas isso poderia até chamar a polícia.

“Nossa!”, ele disse, com o rosto vermelho e puxando as calças para cima. “Que saída você pegou?”

“A dezenove, mas tinha um desvio...”

“A dezenove! Una, ela saiu na dezenove! Você perdeu uma hora com isso! Venha, vou fazer um drinque para você. Como vai a vida amorosa?”

Ai, Deus. Por que as pessoas casadas não conseguem entender que essa não é mais uma pergunta educada? Nós não perguntaríamos para *elas*: “Como vai seu casamento? Continuam transando?”. Todo mundo sabe que arrumar namorado depois dos trinta anos não é a mesma maravilha que era aos vinte e dois e que o mais provável é que a resposta de uma mulher dessa idade seja “Olha, na noite passada meu amante casado apareceu de suspensórios e blusa justinha de cashmere, me confessou que era gay/ tarado/ viciado/ avesso a compromisso e me espancou com um vibrador”, e não “Ótima, obrigada”.

Como não sou boa com mentiras, acabei resmungando meio envergonhada para Geoffrey: “Vai bem”.

“Ah, quer dizer que você *ainda* não conseguiu arrumar um namorado?”, ele disse.

“Bridget! Você não tem jeito *mesmo!*”, exclamou Una. “Vocês, moças ambiciosas! Eu não entendo! Não podem continuar adiando para sempre, sabe? Tique-taque, tique-taque.”

“É verdade. Como uma mulher pode chegar à sua idade sem casar?”, grasnou Brian Enderby (casado com Mavis, presidente do Rotary Club em Kettering), balançando seu cálice de xerez. Felizmente meu pai veio me socorrer.

“Que bom ver você, Bridget”, disse, me segurando pelo braço. “Sua mãe colocou todos os destacamentos policiais de Northamptonshire para vasculhar cada milímetro da região à procura dos restos mortais do seu corpo. Venha mostrar que está viva e me dar um sossego. Gostou da mala?”

“Que exagero. E o aparador de pelos de orelha?”

“Ah, ótimo... Bem *afiado.*”

Correu tudo bem, acho. Eu ia me sentir meio mal se não tivesse ido. Mas quanto a Mark Darcy... argh. Antes do jantar, minha mãe passou semanas me ligando só para dizer: “Claro que você se lembra dos Darcy, querida. Eles nos visitaram quando morávamos em Buckingham, e você e Mark brincaram na piscininha de plástico!”. Ou então: “Ah, já contei que Malcolm e Elaine vão levar Mark para a casa de Una? Acho que ele acaba de chegar dos Estados Unidos. Divorciado. Está procurando uma casa em Holland Park. Parece que sofreu um bocado na mão da ex-mulher. Japonesa. É uma raça muito cruel!”

Outra vez, sem mais nem menos, ela disse: “Lembra de Mark Darcy, querida? O filho de Malcolm e Elaine? Ele agora é um dos advogados mais bem-sucedidos de Londres. Divorciado. Elaine contou que só trabalha, está muito sozinho. Acho que vai ao jantar da Una”.

Não sei por que ela não foi direto ao assunto e disse: “Querida, agarre Mark Darcy, está bem? Ele é *muito* rico”.

“Venha cumprimentar Mark”, cantarolou Una Alconbury antes mesmo que eu conseguisse beber alguma coisa. Ser jogada para cima de um homem contra a vontade é uma humilhação. Pior ainda é ser literalmente carregada até ele por Una Alconbury quando se está com uma ressaca terrível, numa sala cheia de amigos dos seus pais.

Mark (até que é alto!), o rico divorciado-da-esposa-cruel, estava de costas, examinando livros nas estantes dos Alconbury, a maioria coleções encadernadas sobre o Terceiro Reich que Geoffrey compra da *Reader's Digest* por catálogo. Achei um tanto ridículo um cara chamado Darcy ficar sozinho numa festa, se comportando como um esnobe. É como se alguém chamado Heathcliff passasse a noite inteira no jardim gritando “Cathy” e batendo com a cabeça numa árvore.

“Mark!”, chamou Una, como se fosse uma ajudante do Papai Noel. “Quero que você conheça uma pessoa maravilhosa.”

Ele se virou, e o que de costas parecia um simples suéter azul-marinho era, na verdade, um suéter de gola em V com losangos em vários tons de amarelo e azul — o tipo favorito dos comentaristas esportivos mais velhos. Como diz meu amigo Tom, as pessoas poderiam perder muito menos tempo e dinheiro no mundo dos encontros se prestassem atenção aos detalhes. Uma meia branca aqui, suspensórios vermelhos ali, um mocassim cinza ou uma suástica são suficientes para informar que não vale a pena anotar um telefone e gastar dinheiro com almoços em restaurantes caros, porque nunca vai dar certo.

“Mark, esta é Bridget, filha de Colin e Pam”, disse Una, enrubescendo. “Ela trabalha no mercado editorial, não é, Bridget?”

“É verdade”, respondi, como se estivesse participando de um programa de rádio ao vivo e em seguida fosse perguntar a Una se podia “mandar um beijo” para meus amigos Jude, Sharon e Tom, meu irmão, Jamie, o pessoal da editora, mamãe, papai e todas as pessoas do jantar de Una.

“Bem, vou deixar os juvenzinhos a sós”, desconversou. “Vocês devem estar cansados desses velhos bobocas.”

“De forma alguma”, respondeu Mark Darcy sem jeito, tentando dar um sorriso. Una revirou os olhos, colocou a mão no peito e deu uma risadinha cacarejante, deixando-nos em seguida, imersos em um silêncio mortal.

“Hum... Você está... hum... Tem lido alguma coisa interessante?”, perguntou.

Ah, pelo amor de Deus.

Tentei freneticamente me lembrar da última vez que tinha lido algo não tão vergonhoso. O problema de se trabalhar com livros é que ler nas horas vagas é meio parecido com ser gari e passear à noite no lixão. Estava no meio de *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*, que Jude me emprestou, mas não tinha muita certeza se Mark Darcy se considerava um marciano, apesar de ser claramente estranho. Então me lembrei de um livro perfeito.

“*Backlash*, de Susan Faludi”, respondi, orgulhosa. Boa! Na verdade, não tinha lido exatamente, mas era como se tivesse, de tanto que Sharon falava nele. E era uma opção segura: não tinha a menor chance de o certinho de suéter de losango ter lido um tratado feminista de quinhentas páginas.

“É mesmo?”, exclamou ele. “Li logo que saiu. Você não acha que a autora é um pouco extrema nos argumentos em defesa da mulher?”

“Ah, acho que não é para *tanto...*”, respondi em pânico, tentando pensar num jeito de mudar de assunto. “Você passou o Ano-Novo com seus pais?”

“Passei”, disse, ansioso. “Você também?”

“Passei. Não. Fui a uma festa em Londres ontem à noite. Estou meio de ressaca, aliás.” Fiquei tagarelando, meio nervosa, para que Una e minha mãe não achassem que eu era um fracasso tão grande que não conseguia nem conversar com Mark Darcy. “Mas acho que não se pode esperar que as reso-

luções de Ano-Novo comecem a valer no primeiro dia do ano, não acha? É uma continuação da virada, então os fumantes já estão fumando, não dá para querer que eles parem à meia-noite, com tanta nicotina no sangue. O mesmo acontece com a dieta. Não é uma boa ideia ficar controlando o que come, porque é importante ingerir qualquer coisa sempre que puder para diminuir a ressaca. Acho que seria bem mais sensato se as pessoas colocassem em prática suas resoluções a partir do dia 2.”

“Talvez fosse bom você comer alguma coisa”, disse Mark, e foi em direção à mesa, me deixando plantada sozinha ao lado da estante, enquanto todo mundo me olhava, pensando: “É por isso que Bridget não se casa. Ela afasta os homens”.

Mas Una Alconbury e mamãe não iam desistir fácil assim. Fizeram com que eu circulasse com bandejas de pepininhos em conserva e taças de xerez numa tentativa desesperada de que eu tropeçasse em Mark Darcy. Acabaram ficando tão frustradas que, quando parei a um metro e meio dele com a bandeja, Una atravessou a sala rápido como uma águia e disse: “Mark, você precisa anotar o telefone de Bridget antes de ir embora. Assim vocês podem se falar em Londres.”

Foi impossível não ficar vermelha. Podia sentir o calor subindo pelo pescoço. Mark ia pensar que eu tinha pedido para ela fazer aquilo.

“Tenho certeza de que a vida de Bridget em Londres já é bem agitada, sra. Alconbury”, ele respondeu. Humpf. Tudo bem, eu não estava a fim de passar meu telefone para Mark, mas ele precisava ter deixado tão claro para todo mundo que não queria? Quando baixei os olhos, vi que ele usava meias brancas estampadas com abelhinhas amarelas.

“Quer um pepino?”, perguntei, com a intenção de mostrar que eu tinha um bom motivo para aparecer, mais relacionado a pepinos do que a números de telefone.

“Não, obrigado”, disse, com olhar assustado.

“Tem certeza? Que tal uma azeitona recheada?”, insisti. “Cebolinhas? Cubos de beterraba?”

“Obrigado”, agradeceu e pegou uma azeitona, nervoso.

“Bom proveito”, eu disse, vitoriosa.

No final da festa, vi que ele foi agarrado por sua mãe e Una, que o levaram até onde eu estava e ficaram atrás enquanto Mark perguntava, seco: “Vai voltar de carro para Londres? Vou ficar aqui, mas meu carro pode levar você?”

“Seu carro anda sozinho?”, perguntei.

Ele piscou para mim.

“Ai, boba, é o carro do escritório em que Mark trabalha, com motorista”, disse Una.

“Obrigada, mas não precisa”, respondi. “Vou voltar de trem pela manhã.”

2h Ah, como posso ser tão desinteressante? Como? Até um homem que usa meias de abelhinhas me acha horrível. Detesto o Ano-Novo. Detesto todo mundo. Menos Daniel Cleaver. Não importa, tenho uma caixa enorme de chocolates e uma garrafinha de gim-tônica. E vou fumar um cigarro.

TERÇA-FEIRA, 3 DE JANEIRO

58,9 kg (rumo à obesidade. Por quê? Por quê?), 6 unidades alcoólicas (excelente), 23 cigarros (muito bom), 2472 calorias.

9h Argh. Não posso nem pensar em ir para o trabalho. A única coisa que me anima é pensar em ver Daniel de novo, mas até isso é pouco aconselhável, já que estou gorda e com uma espinha no queixo. Meu único desejo é me sentar no sofá, comer chocolate e assistir aos especiais de Natal na tevê. Parece errado e injusto que primeiro você seja obrigado a aceitar o Natal, com todos os seus estressantes desafios emocionais e financeiros, e depois ele acabe de repente, bem quando você estava

entrando na onda. Eu já tinha começado a gostar do fato de os serviços públicos não funcionarem e de não ter nada demais em ficar na cama o quanto quisesse, comendo o que bem entendesse e bebendo sempre que tivesse oportunidade, mesmo de manhã. E então somos todos obrigados a seguir uma rotina com disciplina, como se fôssemos galgos jovens e esguios.

10h Argh. Perpetua, que tem um cargo um pouco melhor que o meu e por isso pensa que pode tomar conta de mim, estava irritada e mandona, falando sem parar sobre a mais recente mansão de quinhentas mil libras que está pensando em comprar com Hugo, seu namorado rico e superesnobe: “Os quartos são voltados para o norte, mas fizeram uma coisa muito interessante com a luz”.

Lancei um olhar triste para ela e para aquela bunda enorme apertada numa saia vermelha, com um colete estranho de listras por cima da blusa. Que maravilha a segurança de ter nascido em berço de ouro. Perpetua podia ficar do tamanho de uma minivan e não dar a mínima. Quantas horas, meses, anos eu já passei preocupada com a balança enquanto ela procurava alegremente um abajur de porcelana em forma de gato na Fulham Road? Mas Perpetua está sabotando a própria felicidade, no fim das contas. Pesquisas comprovam que a felicidade não depende de amor, segurança ou poder, mas de buscar metas atingíveis. E essa não é toda a lógica por trás da dieta?

Na volta para casa, sem conseguir aceitar o fim das festividades, comprei um pacote de enfeites de chocolate para árvore de Natal em liquidação e uma garrafa de 3,69 de espumante da Noruega, Paquistão ou qualquer coisa assim. Depois, com a sala iluminada só pela árvore de Natal, bebi um monte e comi dois pasteizinhos de carne, o restante de um bolo e umas fatias de queijo enquanto assistia a *EastEnders* fingindo que era um especial de Natal.

Mas agora estou com vergonha de mim mesma e me achando nojenta. Quase consigo sentir o excesso de gordura no meu corpo. Sem problemas. Às vezes é preciso mergulhar numa profunda intoxicação alimentar para depois ressurgir das cinzas como uma fênix, transformada numa linda e maravilhosa Michelle Pfeiffer. Amanhã começo uma nova dieta espartana e um tratamento de beleza.

Hum. Daniel Cleaver. Adoro seu jeito meio depravado, embora ele seja um cara muito bem-sucedido e inteligente. Hoje Daniel contou uma coisa hilária na editora: a mãe dele deu de presente de Natal para a tia um porta-papel preto para a cozinha e a mulher achou que era uma escultura de um pênis. Foi superengraçado. Depois ele perguntou, com um jeito sedutor, se eu tinha ganhado alguma coisa interessante de Natal. Acho que amanhã vou usar minha saia preta.

QUARTA-FEIRA, 4 DE JANEIRO

59.4 kg (estado de emergência; como se a gordura armazenada desde o Natal estivesse sendo liberada aos poucos), 5 unidades alcoólicas (melhor), 20 cigarros, 700 calorias (m. b).

16h. Trabalho Crise. Jude acabou de ligar aos prantos e depois de um tempo conseguiu dizer, com uma voz chorosa, que não tinha conseguido ir a uma reunião da diretoria (ela é gerente de novos projetos na Brightlings) senão ia chorar na frente de todo mundo, mas que agora estava no banheiro feminino com olhos mais borrados que os de Alice Cooper e sem sua necessária de maquiagem. O namorado dela, Richard, o Vil (sujeito acomodado com medo de compromisso), com quem ela vai e volta há dezoito meses, terminou tudo porque ela perguntou se podiam tirar férias juntos. Bem típico dele, mas é claro que Jude achou que fosse tudo culpa dela.

“Sou muito dependente. Pedi muito mais do que o neces-

sário só para satisfazer minha carência. Ah, se eu pudesse voltar no tempo.”

Liguei em seguida para Sharon e marcamos uma reunião de emergência às seis e meia no Café Rouge. Espero que consiga sair cedo da editora sem que a maldita Perpetua reclame.

23h Noite agitada. Sharon veio logo com uma tese: o que está acontecendo com Richard é um caso típico de “babaquice emocional”, que vem se alastrando como fogo entre os homens com mais de trinta anos. Ela garante que, à medida que as mulheres vão passando dos vinte para os trinta, o equilíbrio de poder muda de repente. Até as mulheres mais seguras perdem as estribeiras, lutando contra os primeiros sinais de angústia existencial: medo de morrer sozinha e ser encontrada três semanas depois semidevorada por um pastor-alemão. Ideias estereotipadas a respeito de solteironas, abismos e migalhas sexuais conspiram para fazer com que você se sinta uma idiota, mesmo que passe um bom tempo mentalizando atrizes como Joanna Lumley e Susan Sarandon.

“Homens como Richard”, concluiu Sharon, furiosa, “usam qualquer coisa para fugir do compromisso, para não enfrentar a maturidade, a honra e a evolução natural das coisas entre um homem e uma mulher.”

Nesse ponto, Jude e eu estávamos tentando nos esconder com o casaco e fazendo “Shh!” para ela falar mais baixo. Não existe nada menos atraente para um homem do que feminismo raivosos.

“Como ele ousa dizer que você estava levando muito a sério o relacionamento só porque perguntou se podiam tirar férias juntos?”, gritou Sharon. “Que história é essa?”

Pensando vagamente em Daniel Cleaver, argumentei que nem todos os homens são como Richard. Foi aí que Sharon começou a enumerar uma longa lista de babaquices emocionais envolvendo nossos conhecidos: uma amiga que namora há treze

anos, mas o namorado não quer nem falar em morar junto; outra que saiu com um cara quatro vezes e ele terminou o relacionamento porque estava ficando muito sério; outra que foi perseguida por um cara durante três meses com propostas de casamento apaixonadas para três semanas depois de ela ter aceitado ele cair fora e usar a mesma tática com a melhor amiga dela.

“Nós, mulheres, somos vulneráveis porque integramos uma geração pioneira que tem a ousadia de não fazer concessões em se tratando de amor e que depende apenas dos próprios recursos financeiros. Daqui a vinte anos, os homens não vão nem pensar em babaquice emocional, porque nós vamos *rir na cara deles*”, berrou Sharon.

Àquela altura, Alex Walker, que trabalha com Sharon, entrou acompanhado de uma loira sensacional, cerca de oito vezes mais atraente do que ele. Veio até a nossa mesa para dar um oi.

“É sua namorada?”, perguntou Sharon.

“Bem, ela acha que é, mas só estamos dormindo juntos. Eu deveria acabar com essa história, mas...”, disse ele, orgulhoso.

“Isso é sacanagem, seu covarde, seu bundão! Eu vou lá falar com essa moça”, disse Sharon, levantando da mesa. Jude e eu a seguramos enquanto Alex, com uma cara apavorada, se afastou de fininho para prosseguir com sua babaquice emocional.

Acabamos inventando uma estratégia para Jude. Ela tem que pensar menos como *Mulheres que amam demais* e mais como *Homens são de Marte, mulheres são de Vênus*. Precisa encarar o comportamento de Richard não como um sinal de que ela é dependente e ama demais, e sim como se ele fosse um elástico marciano que precisa ser bem esticado para voltar depois de solto.

“Certo, mas isso significa que eu devo ligar para ele ou não?”, perguntou Jude.

“Não”, disse Sharon, enquanto eu dizia “Sim”.

Depois que Jude foi embora — ela tinha que acordar às

quinze para as seis para ir à academia e encontrar sua *personal shopper* antes do trabalho, às oito e meia (loucura) — Sharon e eu ficamos cheias de remorso por não termos dito para ela se livrar de Richard, o Vil, simplesmente porque ele é vil. Então Sharon lembrou que da última vez que fizemos isso os dois voltaram, Jude contou tudo o que tínhamos falado num acesso de confissão reconciliatória e agora é extremamente desagradável toda vez que o encontramos. Ele acha que nós duas somos as Rainhas do Pasto — o que, segundo Jude, é um erro, porque embora tenhamos descoberto nossa vaca interior, ainda não a libertamos por completo.

QUINTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO

58,5 kg (grande progresso – 1 quilo queimado espontaneamente graças à expectativa de sexo), 6 unidades alcoólicas (m. b., já que teve festa), 12 cigarros (continuo no bom caminho), 1258 calorias (o amor não me deixa beliscar).

11h. Trabalho Ai, meu Deus. Daniel Cleaver acaba de me mandar uma mensagem. Estava tentando fazer meu currículo sem que Perpetua notasse (quero mudar de emprego) quando vi no alto da tela um aviso piscando: VOCÊ TEM UMA NOVA MENSAGEM. Animada com qualquer coisa que não seja trabalho, cliquei rápido no alerta e quase caí dura quando vi que o remetente era Cleaver. Achei que ele tivesse acessado meu computador e visto que eu não estava trabalhando, mas aí li a mensagem:

Mensagem para Jones

Parece que você se esqueceu de vestir saia. Creio que está bem claro em seu contrato de trabalho que a empresa espera que, durante o expediente, os funcionários estejam vestidos adequadamente.

Cleaver

Ah! Só podia ser uma brincadeira sedutora. Pensei um pouco enquanto fingia examinar um chatíssimo manuscrito escrito por um maluco. Nunca tinha trocado mensagens com Daniel Cleaver, e esse sistema tem uma vantagem: você pode ser completamente atrevida e informal até com o chefe. E também pode ficar horas ensaiando. Eis o que respondi.

Mensagem para Cleaver

Senhor, estou surpresa com sua mensagem. Embora minha saia possa ser considerada um tanto curta (mas a economia está sempre em pauta em nossas reuniões editoriais), considero condenável sua avaliação de que estou sem saia e penso na possibilidade de consultar o sindicato.

Jones

Aguardei a resposta ansiosamente. VOCÊ TEM UMA NOVA MENSAGEM começou a piscar. Cliquei.

A pessoa que levou sem querer o original de *A motocicleta de Kafka* da minha mesa queira, POR FAVOR, me devolver imediatamente.

Diane

Argh. Depois dessa, desliguei a tela do computador.

Meio-dia Ai, Deus. Daniel não respondeu. Deve estar uma fera. Talvez ele estivesse falando sério sobre a saia. Ai, Deus. Ai, Deus. Fiquei entusiasmada com a chance de ser informal com o chefe e exagerei.

12h10 Talvez ele ainda não tenha recebido. Se eu pudesse impedir que ele leia... Acho que vou dar uma volta e ver se consigo entrar na sala dele para apagar a mensagem.

12h15 Ah. Tudo explicado. Ele está em reunião com Simon do marketing. Olhou para mim quando passei. Rá. Rá-rá-rá. VOCÊ TEM UMA NOVA MENSAGEM.

Mensagem para Jones

Se o fato de passar pela porta da minha sala era uma tentativa de demonstrar que está de saia, só posso dizer que foi totalmente inútil. Não existe saia. Será que ela não veio hoje por motivo de doença?

Cleaver

VOCÊ TEM NOVA MENSAGEM piscou outra vez.

Mensagem para Jones

Se esse for realmente o motivo da ausência da saia, por favor, verifique quantas vezes isso ocorreu nos últimos doze meses. A natureza espasmódica da presença sugere fingimento.

Cleaver

Resposta imediata:

Mensagem para Cleaver

A saia não demonstra estar doente nem ausente. Está surpresa com a atitude preconceituosa da chefia em matéria de cumprimento. Interesse obsessivo faz supor que a chefia esteja mais doente do que a saia.

Jones

Hum. Acho melhor tirar essa última frase, que tem uma leve acusação de assédio sexual, quando na verdade estou adorando ser assediada sexualmente por Daniel Cleaver.

Aaargh. Perpetua acaba de entrar e ficou atrás de mim, lendo o que eu estava escrevendo. Tentei fechar a janela rapidamente e meu currículo apareceu na tela.

“Quando você terminar me avise, por favor”, disse Perpetua com um sorriso afetado. “Não gostaria que você fosse *mal aproveitada* na empresa.”

Voltei para minha mensagem assim que ela pegou o telefone: “Para ser sincera, sr. Birkett, de que adianta colocar quatro quartos em vez de três quando é óbvio que o último vai ser do tamanho de um armário?”. Eis o que estou mandando agora:

Mensagem para Cleaver

A saia não demonstra estar doente ou ausente. Está surpresa com a atitude preconceituosa da chefia em matéria de cumprimento. Considero a possibilidade de recorrer ao tribunal de trabalho, comunicar o fato a tabloides sensacionalistas etc.

Jones

Ai, meu Deus. A resposta que recebi:

Mensagem para Jones

“Ausente”, Jones, e não “auzente”. “Cumprimento”, e não “cumprimto”. Por favor, tente escrever com alguma correção. Isso não significa que a linguagem seja algo imutável e fixo em vez de uma ferramenta variada de comunicação (segundo Hoenigswald), mas talvez seja útil usar o corretor ortográfico.

Cleaver

Eu estava arrasada quando Daniel passou com Simon do marketing, deu uma olhada bem sexy para minha saia e levantou a sobrancelha. Adoro o maravilhoso sistema de mensagem por computador. Mas tenho de prestar atenção à ortografia. Afinal de contas, sou formada em letras.